



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

(Eixo: Relações Étnico-Raciais, Povos Indígenas, População Negra,
Comunidades Tradicionais e Políticas Sociais)

**Desigualdades étnico-raciais e permanência estudantil na
França: aproximações críticas**

Thaís Ribeiro Esteves¹

Resumo: Este artigo reflete criticamente sobre como as desigualdes étnico-raciais e sociais atravessam o acesso e a permanência no ensino superior francês, a partir da experiência de estágio doutoral da autora, realizado na *Université Grenoble Alpes* (2023-2024). O objetivo é compreender como as dimensões de classe, raça/etnia e gênero são mobilizadas ou silenciadas no debate institucional daquele país. Adota-se abordagem qualitativa, com observação participante, levantamento bibliográfico e documental e diálogos institucionais. Conclui-se que a “*précarité étudiante*” expressa desigualdades estruturalmente racializadas e generificadas, com efeitos territorializados, embora a categoria raça permaneça ausente dos dados oficiais franceses.

Palavras-chave: relações étnico-raciais; classe, raça/etnia e gênero; educação superior; França; permanência estudantil.

Abstract: This article critically reflects on how ethnic-racial and social inequalities affect access to and retention in French higher education, based on the author's doctoral internship experience at *Université Grenoble Alpes* (2023-2024). The objective is to understand how the dimensions of class, race/ethnicity, and gender are mobilized or silenced in the institutional debate in that country. A qualitative approach is adopted, with participant observation, bibliographic and documentary research, and institutional dialogues. It concludes that “*précarité étudiante*” expresses structurally racialized and gendered inequalities, with territorialized effects, although the category of race remains absent from official French data.

Keywords: ethnic-racial relations; class, race/ethnicity and gender; higher education; France; student permanence.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre as determinações entre classe, raça/etnia e gênero no contexto universitário francês, a partir da experiência do estágio doutoral da autora, realizado entre setembro de 2023 e abril de 2024, no âmbito do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/Capes), junto ao *Centre de Recherche en Économie de Grenoble* (CREG), da *Université Grenoble Alpes* (UGA). Foram oito meses em terras estrangeiras levando na *bagagem* as interlocuções tecidas no solo brasileiro, no âmbito da pesquisa doutoral dedicada ao estudo de trajetórias de mulheres em relação ao acesso e à permanência estudantil². Neste

¹ Assistente Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) - Campus Jacareí, Doutora em Serviço Social pela Política Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). thais.resteves@gmail.com.

² Os resultados da pesquisa foram apresentados na tese: ESTEVES, T. R. **Ocupar, resistir, produzir conhecimento - trajetórias de lutas no campus**: a experiência de mulheres estudantes-trabalhadoras do IFSP-Jacareí. 2025. 289 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São



texto, buscamos tecer algumas reflexões críticas a partir do diálogo com a realidade francesa, não em uma perspectiva comparativa, mas como exercício de deslocamento analítico, considerando a totalidade histórica do sistema-mundo do capital.

A experiência do estágio doutoral no *Centre de Recherche en Économie de Grenoble* (CREG), da *Université Grenoble Alpes* (UGA) possibilitou-nos apreender, ainda que por meio de uma aproximação inicial, discussões em torno das temáticas *trajetórias*, *acesso* e *igualdade mulheres-homens* no âmbito educacional, sobretudo universitário. Buscamos também nos aproximar dos debates em torno das dimensões de classe, raça/etnia e gênero naquele país, por meio do diálogo com pesquisadores e profissionais atuantes na política de educação universitária, da participação em atividades acadêmico-científicas e da consulta a acervos bibliográficos. Um elemento não previsto inicialmente, mas que se revelou central, foi a recorrência do termo “*précarité étudiante*”, categoria que tem organizado parte significativa do debate público e institucional sobre a juventude universitária.

Do ponto de vista metodológico, este artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, articulando: observação participante do cotidiano universitário na França; análise bibliográfica de autoras(es) francófonas(os) que discutem feminismo decolonial, racismo estrutural e desigualdades educacionais; levantamento documental de relatórios e boletins produzidos por organismos oficiais franceses, referentes ao período de 2019 a 2023; além de diálogos institucionais com profissionais da educação universitária naquele país. Esses procedimentos permitiram uma aproximação crítica às formas pelas quais as dimensões de classe, raça/etnia e gênero são mobilizadas - ou silenciadas - no debate acadêmico e político francês, particularmente no que se refere ao acesso e às condições de permanência estudantil.

2. “LA FRANCE EST TISSU DE MIGRATIONS”³: APROXIMAÇÕES À REALIDADE FRANCESA

Figura 1 – “La France est tissu de migrations”⁴



Fonte: Huchoit-Boissier (2024)

Paulo, 2025.

³ Tradução nossa para a língua portuguesa: “A França é um tecido de migrações”.

⁴ Foto da Praça da República, em Paris-França, durante a contra-cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Paris em 25 de julho de 2024. (Patricia Huchot-Boissier/ABACA).



Na França, ‘*tecido de migrações*’, a dimensão étnico-racial é fortemente presente na concretude da vida social, na particularidade de um país de capitalismo central, inscrito na totalidade histórica do ‘sistema-mundo’ do capital e reconhecido pelos ideais ‘civilizatórios’, ‘republicanos’ e ‘universalistas’. A Europa foi o espaço onde a proteção social mais se desenvolveu, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (1945), em um contexto marcado pela intervenção estatal na economia e pelo atendimento a demandas da classe trabalhadora, por meio de amplas políticas sociais. A necessidade de reconstrução pós-guerra e o “risco” da alternativa comunista foram alguns dos motivos para o surgimento do que ficou conhecido como Estado Social, com políticas de proteção ao trabalho - dentre as quais a educação - que resultaram em considerável melhoria das condições de vida dos trabalhadores de países como a França.

Entretanto, com a crise dos anos 1970, no contexto da hegemonia neoliberal, agravada pela crise de 2008 e mais recentemente pela pandemia da COVID-19, a França não ficou imune ao desemprego crescente, acompanhado da precarização do trabalho e do avanço da extrema-direita. Nesse contexto, os ideais universalistas revelam suas contradições quando confrontados com desigualdades de classe, racializadas e generificadas, persistentes na sociabilidade capitalista.

De acordo com Beauchemin, Hamel e Simon (2016), a França é um país de imigração há mais de um século, constituindo-se como uma sociedade multicultural onde a diversidade de origens atingiu um nível sem precedente. Contudo, a situação dos imigrantes e as questões correlatas ao racismo continuam pouco estudadas. Contrastando com a multiplicidade de dados e pesquisas oficiais disponíveis, pesquisas e estatísticas baseadas na categorização racial ainda não são uma realidade no país.

Durante nossa estada em solo francês, realizamos um levantamento exploratório de relatórios e boletins de pesquisas em organismos oficiais, tais como: *Institut national d'études démographiques* (INED); *Institut national de la statistique et des études économiques* (INSEE); *Centre d'études et de recherches sur les qualifications* (Céreq) e *France Stratégie*, visando identificar se - e como - as dimensões de classe, raça/etnia e gênero em relação à educação e ao mundo do trabalho estavam presentes no debate político-institucional daquele país. Consultamos os documentos desses organismos, referentes ao período de 2019 a 2023, e encontramos forte presença da dimensão de gênero - estudos sobre mulheres e homens em seus percursos escolares e no mundo do trabalho, bem como sobre desigualdades de gênero no trabalho. Já em relação à condição de classe, foi possível identificar estudos a partir do descritor ‘origem social’ e da relação com o território - moradores de ‘*quartiers prioritaires*’⁵. No

⁵ Os ‘*quartiers prioritaires*’ (bairros prioritários) são territórios de intervenção do Estado, definidos por lei, com objetivo de reduzir disparidades de desenvolvimento urbano. Eles são assim identificados segundo o critério de renda *per capita*. Cf.: **QUARTIERS prioritaires de la politique de la ville**. INSEE, 2024. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/metadonnees/definition/c2114>. Acesso em: 23 fev. 2025.



que diz respeito à dimensão racial, esses são menos numerosos e, o que mais se aproxima, são os estudos sobre imigrantes e seus descendentes (com a denominação de primeira, segunda, terceira... geração), e sobre discriminação racial.

No que concerne as pesquisas em relação às condições de vida dos estudantes, destacamos o pioneirismo do Observatório Nacional da Vida Estudantil - OVE (*'Observatoire National de la vie étudiante'*), criado em 1989 pelo Ministério da Educação Nacional francês, tendo sido referência para outros países, como o Brasil, uma vez que algumas universidades brasileiras se inspiraram nessa iniciativa. Em relação à caracterização sociodemográfica, contudo, o OVE utiliza os critérios origem social e geográfica, sexo e idade, sem menção ao quesito étnico-racial⁶.

Em 2016, o *'Institut National d'Études Démographiques'* (INED) publicou os resultados de uma pesquisa de abordagem quantitativa sobre a diversidade populacional na França. De acordo com os editores da publicação, intitulada *'Trajectoires et origines'*⁷, foi a primeira vez que uma enquête sobre imigrantes e seus descendentes abordou, a partir da experiência dessa população, o racismo, já que, anteriormente, as pesquisas sobre essa problemática limitavam-se a estudar a disseminação de estereótipos racistas na opinião pública (Beauchemin; Hamel; Simon, 2016).

Os resultados dessa pesquisa inédita mostraram que a discriminação racial afeta a população residente na França de forma desigual: os grupos que se originam da África Subsaariana, dos departamentos franceses ultramarinos e do Magreb foram os mais numerosos a declararem ter sido "alvo de insultos, comentários ou atitudes abertamente racistas" durante a sua vida. Também foram os que mais sofreram com a experiência do racismo de forma repetida e com mais intensidade em diversas situações, inclusive em escolas e universidades (Beauchemin; Hamel; Simon, 2016).

Ainda segundo a pesquisa do INED, mais de 50% dos imigrantes africanos que obtiveram a nacionalidade francesa entendem que não são percebidos como franceses, ao passo que têm o sentimento pessoal de pertencerem à França, aderindo a uma *'identidade francesa'* (Beauchemin; Hamel; Simon, 2016).

De quels outils nous doterons-nous pour penser l'égalité ? La société française sera confrontée à un choix: soit fermer les yeux en décidant de ne pas mesurer le racisme et les discriminations subies par les individus, soit se donner les moyens de prendre régulièrement la mesure des inégalités et des préjudices subis du fait de la religion, de l'origine ou de la couleur de peau. Le débat qui a entouré le démarrage de l'enquête TeO [Trajectoires et origines] [...] sera inéluctablement reposé (Beauchemin; Hamel; Simon, 2016, p. 30).⁸

⁶ **L'ENQUETE Conditions de vie des étudiants.** Disponível em: <https://www.ove-national.education.fr/lenquete-conditions-de-vie-des-etudiants/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

⁷ Foi por meio do diálogo com um estudante da disciplina de que participei como ouvinte na *Université Grenoble Alpes- 'Gender and Inequalities'* - que cheguei a esse documento, indicado por ele. Durante uma aula, esse estudante fez um questionamento sobre a intersecção de raça nos estudos sobre gênero.

⁸ Tradução nossa para a língua portuguesa: "Que ferramentas usaremos para pensar sobre igualdade? A sociedade francesa enfrentará uma escolha: ou fechar os olhos e decidir não medir o racismo e a discriminação sofridos pelos indivíduos, ou dar a si mesma os meios para fazer regularmente a medida das desigualdades e preconceitos sofridos por causa da religião, origem ou cor da pele. O debate que cercou o lançamento da pesquisa TeO [Trajetórias e origens] [...] será inevitavelmente reavivado".



Vergès (2020) auxilia-nos na compreensão do que está na raiz desse ‘apagamento’ da questão racial no debate político-institucional francês: para a autora, há uma intenção em minimizar os laços entre capitalismo e racismo, entre sexismo e racismo. E, frente a isso, a noção de colonialidade é central para analisar a França contemporânea, já que “além de a República continuar exercendo controle sobre territórios em estado de dependência, as instituições de poder permanecem estruturadas pelo racismo” (Vergès, 2020, p. 42).

[...] Nenhuma instituição me parece escapar ao racismo estrutural: nem a escola, nem o tribunal, nem a prisão, nem o hospital, nem o Exército, nem a arte, nem a cultura, nem a polícia. Se o debate sobre o racismo estrutural na França é tão difícil, isso se deve também a uma paixão por princípios abstratos e não ao estudo das realidades. Apesar dos relatórios, mesmo aqueles provenientes de órgãos governamentais que provam a existência de discriminações racistas/sexistas, a cegueira persiste (Vergès, 2020, p. 62).

Em seus estudos sobre ‘*feminismos decoloniais*’ Vergès (2020) faz referência às mulheres *racializadas*, sendo que, no contexto francês, esse termo não se restringe às mulheres negras, mas também àquelas vistas e entendidas como não brancas e não ocidentais, que vivem no continente europeu na condição de imigrantes, refugiadas ou mesmo que são detentoras legais da cidadania francesa, mas que não escapam de processos de racialização, devido a marcas sociais como cor, costumes, religião, língua ou outro distintivo que as caracterize como ‘*não pertencente*’ à sociedade ocidental.

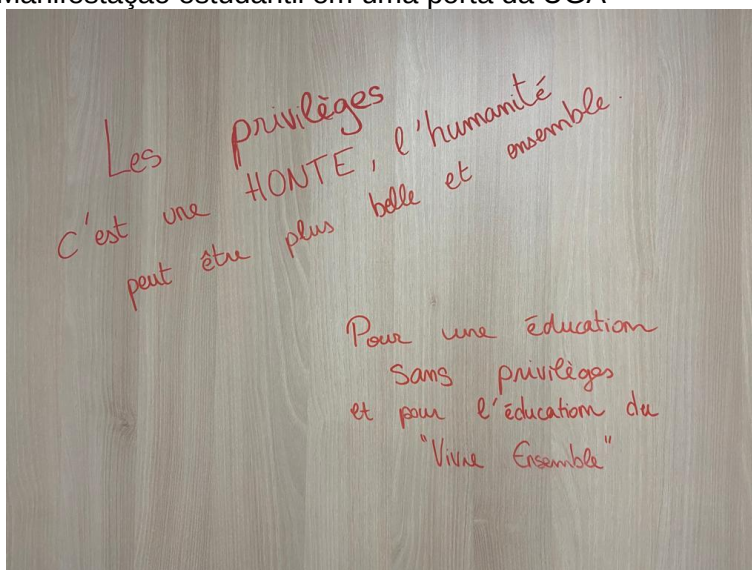
Nem o feminismo escapou ao racismo estrutural, ao contrário, o ‘feminismo civilizatório’ aliou-se ao colonialismo e ao capitalismo, reproduzindo hierarquizações raciais. Nesse sentido, o feminismo não é, por natureza, um campo de partilha igualitária e de mútuo reconhecimento (Vergès, 2020). E ainda

[...] o gênero não existe em si mesmo, ele é uma categoria histórica e cultural que evolui no tempo e não pode ser concebido da mesma maneira na metrópole e na colônia. Tampouco pode ser concebido do mesmo modo em colônias diferentes ou no interior de uma única colônia. Para as mulheres racializadas, afirmar o que é, para elas, ser mulher, foi um campo de luta. As mulheres, como eu disse, não constituem em si uma classe política (Vergès, 2020, p. 61).

Entre diferenças e similitudes, na França, no Brasil e em outras partes do sistema-mundo do capital, entre os ideais republicanos que não têm se concretizado e o mito da democracia racial, acolá e aqui, frente ao sistema de dominação-exploração que produz e reproduz as desigualdades entre classe, gênero/sexo e raça, há lutas sociais, dentre elas pela educação, envolvendo o acesso e a permanência estudantil.



Figura 2 - Manifestação estudantil em uma porta da UGA⁹



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Desse modo, a recorrência do termo '*précarité étudiante*', encontrada no solo francês, como uma categoria política que (res)surge no contexto da crise do capital, agravada pela crise pandêmica dos anos 2020, chamou-nos a atenção. Sobre esse tema pretendemos tecer algumas considerações no próximo tópico.

3. ACESSO, PERMANÊNCIA ESTUDANTIL E '*LA PRÉCARITÉ ÉTUDIANTE*': ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

"Aumento dos custos com alimentação e bolsas insuficientes"; "elevação do custo de vida estudantil nunca vista anteriormente"; "estamos chegando a um estágio de grande insegurança estudantil que vai se estabelecendo ao longo do tempo e que vai evoluindo cada vez mais de um ano para o outro" - essas foram algumas das declarações da *Union Nationale des Étudiants de France* (UNEF), maior sindicato nacional de estudantes da França, em agosto de 2023, para o jornal *Le Monde*¹⁰.

Segundo pesquisa realizada pela associação *Cop1- Solidarités Étudiantes*, 36% dos estudantes 'pulam' refeições regularmente e muitos deles não utilizaram aquecimento em suas moradias no último inverno. Foram necessários apenas alguns minutos para que a distribuição de 500 cestas básicas pela associação se esgotasse, em Paris. De acordo com o presidente da *Cop1*: *"a associação existe há três anos, dizíamos a nós mesmos que não era para durar... Mas a situação está piorando"* (*Le Monde*, 2023)¹¹.

⁹ Tradução nossa para a língua portuguesa: "Os privilégios são uma vergonha, a humanidade pode ser mais bela e unida. Por uma educação sem privilégios e pela educação do 'viver juntos'".

¹⁰ *LE COUT de la vie étudiante en hausse de près de 600 euros par an, selon l'UNEF. Le Monde*, 2023. Disponível em: https://www.lemonde.fr/campus/article/2023/08/14/le-cout-de-la-vie-etudiante-en-hausse-de-6-47-selon-l-uneef_6185370_4401467.html. Acesso em: 1 out. 2023.

¹¹ *LE NEVÉ, S. De plus en plus d'étudiants s'enfoncent dans la précarité. Le Monde*, 2023. Disponível em: https://www.lemonde.fr/societe/article/2023/09/12/une-part-grandissante-des-etudiants-s-enfoncent-dans-la-precarite_6189021_3224.html. Acesso em: 10 out. 2023.



E ainda

[...] um em cada cinco estudantes não têm o suficiente para comer, quase metade dos que trabalham durante os estudos enfrentam dificuldades, um em cada dois estudantes do ensino superior vive em condições inadequadas de moradia, mais da metade teve de abrir mão de cuidados médicos no último ano, e oito em cada dez sofrem de ansiedade. [...] Mais de um em cada quatro estudantes trabalha para suprir suas necessidades, com um risco elevado de fracasso ou abandono dos estudos. [...] (Mariette, 2025).

No *campus* da *Université Grenoble Alpes*, em pontos centrais e/ou em frente às residências estudantis, observamos no ano letivo 2023/2024 a atuação da '*Génération Précarité*', associação estudantil de Grenoble que luta contra '*la précarité*' dos jovens, com distribuições de itens de '*primeira necessidade*', tais como alimentos e produtos de higiene. Associações como essa, em geral, foram criadas durante a pandemia da COVID-19, mas deram continuidade às suas ações mesmo após o fim do período pandêmico.

De acordo com reportagem de *Le Monde diplomatique*, escrita por Mariette (2025), o aumento expressivo de 30% do número de estudantes no ensino superior francês desde 2010 ocorre simultaneamente com o subfinanciamento das universidades e uma explosão da precariedade estudantil. Nesse cenário, sindicatos, associações e organizações de jovens denunciam regularmente essa situação.

Tema recorrente em alguns meios de comunicação franceses, sobretudo no início do ano letivo, e em especial desde a crise sanitária de 2020, a questão da '*précarité étudiante*' tem ocupado centralidade no debate político-acadêmico na França, embora não seja uma questão 'nova'. Para Fraipont e Maes (2021), a COVID-19 foi mais catalisadora do que o gatilho da '*précarité étudiante*', ou seja, a crise sanitária revelou que a '*précarité*', cujo conceito é mais desenvolvido em relação ao mundo do trabalho, é estrutural. No campo da educação, o termo '*précarité étudiante*' tem sido usado para tratar das condições de vida materiais e subjetivas das/dos estudantes, especialmente no contexto universitário.

Embora a '*précarité étudiante*' seja uma questão central sinalizada pela mídia, ela tem sido abordada sobremaneira em relação às suas manifestações empíricas, ainda carecendo de maior reflexão epistemológica em torno do conceito (Bugeja-Bloch; Frouillou, 2024). A '*précarité*', no contexto francês, é um conceito que tem sido empregado em relação à população em geral, levando em consideração, sobretudo, o lugar ocupado no mundo do trabalho e a proteção social advinda dele - no contexto de um país cujo sistema de proteção social esteve articulado fortemente à inserção no mercado de trabalho. Para Bugeja-Bloch e Frouillou (2024), é necessário refletir sobre a especificidade da vida estudantil, e, assim, formular uma reflexão original em torno do conceito '*précarité étudiante*'.

*La principale limite de l'emploi du concept de précarité à propos de la population étudiante tient au fait que, pour elle, l'emploi est plus une source de fragilisation que d'intégration, dans la mesure où celles et ceux qui exercent une activité rémunérée avec un volume horaire important et sans rapport avec leurs études réduisent leurs chances de réussite*¹² (Belghith, 2015; Berthaud, Giret, 2020, *apud* Bugeja-Bloch, Frouillou, 2024, p. 69).

¹² Tradução nossa para a língua portuguesa: "A principal limitação da utilização do conceito de precariedade em relação à população estudantil é que, para ela, o emprego é mais uma fonte de enfraquecimento do que de integração, na medida em que aqueles que exercem uma atividade remunerada com carga horária significativa e alheia aos estudos reduzem suas chances de 'êxito'".



Desse modo, as autoras supracitadas, dialogando com autores franceses que se debruçaram sobre a noção de '*précarité*', buscam apreender alguns elementos desse conceito, considerando a realidade estudantil, os quais destacamos: o aspecto 'relacional', que se concretiza a partir da construção de vínculos estudantis institucionais e entre os colegas, além de relações familiares, profissionais e inclusão em outros coletivos - nesse sentido, a solidão e o sentimento de isolamento são elementos da '*précarité étudiante*'; as condições materiais de vida, não dissociadas da dimensão subjetiva das experiências de dominação - assim, as condições de inserção no mundo do trabalho e materiais de vida podem ser determinantes da '*précarité étudiante*' (Bugeja-Bloch; Frouillou, 2024) ¹³.

A partir de um levantamento de pesquisas realizadas nos últimos anos, Bugeja-Bloch e Frouillou (2024) sinalizam alguns determinantes estruturais em relação à '*précarité étudiante*' no contexto francês: a 'idade elevada', a 'origem popular', a 'nacionalidade estrangeira', a 'descoabituação' (em relação à saída da casa dos responsáveis) e, a depender de outros determinantes, o sexo/gênero.

Entre os meses de fevereiro e abril de 2024, realizamos alguns contatos e visitas institucionais, em que dialogamos com profissionais da educação universitária na França, em Grenoble (*Université Grenoble Alpes*) e em Chambéry (*Université Savoie Mont-Blanc*)¹⁴. A partir desses diálogos, foi possível nossa aproximação, ainda que preliminarmente, com questões presentes no cotidiano da política pública no que concerne as trajetórias estudantis, tais como a '*précarité étudiante*' e as dimensões de classe, raça e gênero no acesso e 'permanência' escolar¹⁵.

Por meio desses diálogos, apreendemos, em relação às ações/respostas institucionais à '*précarité étudiante*', que apesar da existência de serviços e ações universitárias, inclusive de apoio a associações de jovens, a precarização das condições de vida dos estudantes ainda é uma questão preocupante, que envolve moradia, saúde, saúde mental, alimentação, vínculos sociais.

No que diz respeito à *igualdade mulheres-homens* no contexto universitário, há um entendimento de que as mulheres estão mais expostas à violência sexual e sexista, havendo ações de enfrentamento em relação a essa violência, considerando toda a comunidade acadêmica - estudantes e profissionais - sobretudo no âmbito da prevenção. Também fez-se presente a noção de '*précarité menstruel*', com ações referentes à distribuição de absorventes, bem como a existência de debates em torno da '*congé menstruel*' (licença menstrual) no âmbito

¹³ Cabe ressaltar que as autoras ainda consideram outros elementos, a partir do diálogo com outros autores franceses, mas que nosso destaque levou em consideração o que vimos buscando compreender em relação ao acesso-permanência escolar na realidade brasileira.

¹⁴ Vale ressaltar que, para este estudo, elegemos apenas alguns elementos que emergiram a partir desses diálogos. Consideramos, contudo, que nossa experiência de visita e reunião com os profissionais da educação universitária não se esgotou na realização desta pesquisa, pois trouxe contribuições para nosso (re)pensar profissional na política de educação brasileira, resguardadas as especificidades de cada realidade.

¹⁵ Uma dificuldade encontrada em solo francês foi a correspondência com os termos utilizados no Brasil, sobretudo 'permanência' no contexto educacional. "*Vie étudiante*" é um termo utilizado na política pública francesa para tratar das condições de vida dos/das estudantes no contexto universitário.



acadêmico. O combate às discriminações sexistas e racistas também foi apontado como uma preocupação dos profissionais.

A partir daquilo que o debate acadêmico-político francês tem denominado '*précarité étudiante*', chama a atenção a situação dos estudantes 'estrangeiros', notadamente os de origem africana (em geral de países francófonos, ex-colônias francesas), que, por exemplo, moram em residências universitárias cujos prédios são mais antigos, carecem de infraestrutura e são mais distantes do *campus*. Além disso, esses estudantes são os maiores demandatários dos serviços de saúde prestados pela universidade. Os profissionais com quem dialogamos reafirmam a não utilização da noção de 'raça' - já que na França não há estatísticas que utilizam esse critério - mas, ao indagamos sobre a questão racial, as respostas consideraram o 'estudante internacional'.

Em relação à questão do acesso dos estudantes ao sistema universitário francês, vale ressaltar que a última mobilização estudantil de grande alcance nacional foi em 2018, contra a Lei ORE - '*Loi relative à l'orientation et à la réussite des étudiants*' (lei relativa à orientação e ao sucesso/êxito dos estudantes). Contudo, a lei foi aprovada e, com isso, o governo impôs uma seleção para ingresso nas universidades, por meio de uma plataforma chamada '*Parcoursup*' (Mariette, 2025).

A Rede Universitária sem Fronteiras de Grenoble (RUSF 38) vem denunciando que a '*Parcoursup*' tem restringido o acesso dos estudantes estrangeiros à universidade francesa, o que faz com que a '*mixité sociale*' (diversidade social), um ideal presente na concepção da educação francesa, esteja cada vez mais distante da realidade concreta.

Les conditions d'accès aux études des étudiant-es étranger-es s'aggravent. Non seulement les procédures d'admission pour les personnes étrangères sont spécifiques, mais elles deviennent de plus en plus inintelligibles. Les procédures se multiplient en fonction des catégories, avec une multiplicité de critères qui renforcent le traitement différencié et l'inégal accès aux études (L'équipe de rédaction d'academia, 2023).¹⁶

Figura 3 - Manifestação em um muro na cidade de Grenoble-França¹⁷



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

¹⁶ Tradução nossa para a língua portuguesa: "As condições de acesso aos estudos para estudantes estrangeiros estão piorando. Os procedimentos de admissão para estrangeiros não são apenas específicos, mas estão se tornando cada vez mais ininteligíveis. Os procedimentos se multiplicam conforme as categorias, com uma multiplicidade de critérios que reforçam o tratamento diferenciado e o acesso desigual aos estudos". Cf.: L'ÉQUIPE DE RÉDACTION D'ACADEMIA. **RUSF 38: Des étudiant-es invisibilisé-es et empêché-es d'étudier.** Academia, 2023. Disponível em: <https://academia.hypotheses.org/5274>. Acesso em: 25 fev. 2025.

¹⁷ Tradução nossa para a língua portuguesa: "Abra as fronteiras".



Vale ressaltar que essas questões relativas ao acesso, permanência estudantil e '*précarité étudiante*' têm estreita relação com as transformações políticas por que o país tem passado nos últimos anos, com (contra)reformas na área da educação e do trabalho, o que tem precarizado as condições de vida da população, inclusive das/dos estudantes. Os debates político-institucionais em torno do acesso, vida estudantil e '*précarité étudiante*' na França, para além de uma experiência particular da realidade daquele país, sinalizam uma tendência mundial que desafia à materialização do direito à educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste artigo permitem afirmar que a denominada '*précarité étudiante*', no contexto francês, não pode ser compreendida apenas como expressão conjuntural da crise econômica recente ou como fenômeno restrito às condições materiais imediatas de vida dos estudantes. Trata-se de uma manifestação contemporânea das reconfigurações do capitalismo em sua fase neoliberal, que tensiona o modelo histórico de proteção social francês e produz novas expressões da questão social. Ao analisá-la a partir das determinações de classe, raça/etnia e gênero, evidenciam-se hierarquizações que, embora frequentemente não nomeadas sob a categoria "raça" no debate institucional francês, estruturam diferencialmente o acesso, a permanência e as condições de vida no ensino superior.

Nesse sentido, o território emerge como categoria central de análise. A distribuição desigual de recursos universitários, as condições habitacionais diferenciadas, a concentração de estudantes oriundos de ex-colônias em residências mais precarizadas e a associação entre "origem social", nacionalidade estrangeira e inserção territorial revelam que as políticas sociais - inclusive as educacionais - operam espacialmente. Ainda que sob o ideal republicano da universalidade, as políticas públicas francesas produzem efeitos territorializados que incidem de maneira particular sobre populações racializadas, muitas delas provenientes da África Subsaariana, do Magreb e dos territórios ultramarinos franceses. Assim, o território não é apenas cenário, mas mediação concreta das desigualdades étnico-raciais no interior do ensino superior.

Desse modo, evidenciamos que a análise das políticas educacionais requer a incorporação da dimensão étnico-racial como elemento estruturante, e não residual. No caso francês, embora a categoria raça não seja oficialmente mobilizada nos instrumentos estatísticos, a presença significativa de estudantes africanos e afrodescendentes nas situações mais agudas de '*précarité étudiante*' indica que as desigualdades raciais atravessam o campo educacional. A ausência de dados racializados não implica ausência de desigualdade; ao contrário, pode contribuir para sua naturalização.

Por fim, a recorrência do debate sobre a '*précarité étudiante*' sinaliza um desafio contemporâneo às políticas sociais em escala global: a garantia do direito à educação superior em contextos de austeridade fiscal, ampliação do acesso e intensificação das desigualdades



sociais. A experiência francesa, analisada a partir de um deslocamento analítico situado no Sul global, permite compreender que as lutas por acesso e permanência estudantil estão imbricadas às lutas antirracistas e feministas, bem como às disputas em torno do próprio sentido das políticas sociais. Pensar o território, as relações étnico-raciais e de gênero no âmbito das políticas educacionais significa reconhecer que a democratização do ensino superior depende do enfrentamento das estruturas históricas de dominação que articulam classe, raça/etnia e gênero no sistema-mundo do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUCHEMIN, C.; HAMEL, C.; SIMON, P. *Diversité des origines et émergence des minorités*. In: BEAUCHEMIN, C.; HAMEL, C.; SIMON, P. **Trajectoires et origines**. Ined Éditions, 2016. DOI <https://doi.org/10.4000/books.ined.996>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BUGEJA-BLOCH F., FROUILLOU L. *Penser, mesurer et décrire les précarités étudiantes : les apports d'une enquête locale*. **Agora débats/jeunesses**, v. 96, n. 1, p. 67-84, 2024. DOI <https://doi.org/10.3917/agora.096.0067>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FRAIPONT, M.; MAES, H. *Précarité étudiante et COVID-19 : catalyseur plus que déclencheur*, **La Revue Nouvelle**, v. 3, n. 3, p. 5-9, 2021.

MARIETTE, M. Estudantes: resignar-se ou lutar. **Le Monde Diplomatique Brasil**. ed. 211. 2025. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/estudantes-resignar-se-ou-lutar/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.